



## Luciana, restabelecida, retorna nesta semana

Daqui uma semana a garota Luciana Bazeio de Oliveira, seis anos, estará novamente em sua casa, em Campinas. Mas o seu tratamento, embora já menos intenso deverá continuar até o final de novembro, no Brasil: Luciana, depois de permanecer 68 dias internada o Hutchinson Câncer Center, em Seattle — onde submeteu-se a um transplante de medula óssea — possui apenas 35% de chances de sobrevivência. E as possibilidades de recaída, segundo seu próprio pai, Joaquim de Oliveira, ainda persistem.

Ontem, Joaquim embarcou para Seattle e nesta segunda-feira, logo pela manhã, se reunirá com a equipe médica do dr. Clift — que cuidou de Luciana — para receber todas as instruções sobre os novos hábitos da garotinha leucêmica. A princípio, Joaquim sabe que Luciana só poderá sair de casa com uma máscara no rosto — para evitar contaminações — e, continuar tomando medicamentos especiais, como o Bactrin.

— “Ela também não precisa receber mais aplicações intratecais — na espinha — disse animado, contando que “Luciana quase chorou de alegria quando os médicos interromperam há 3 dias estas aplicações. Eram as mais fortes e doidas de todo o tratamento”.

Mas se Luciana apresentar qualquer anormalidade — como, por exemplo, a diminuição do número de glanulócitos no sangue — o seu retorno ao Brasil novamente será adiado. Nestes últimos dias a garota de Campinas estava com cerca de dois mil glanulócitos, ou seja, abaixo do normal — que deve estar entre os 2.500 e 7.500 por milímetro cúbico de sangue. Apesar disto, seu pai continua confiante. Segundo ele, os próprios médicos do Hutchinson garantiram que Luciana está reagindo bem e só ficará por mais algum tempo em observação se o número de glanulócitos for abaixo de 500. “Esta possibilidade — disse — está quase que afastada. Luciana está bem. Ela vai voltar...”

### Tratamento será mantido

O drama da família Bazeio de Oliveira, iniciado há quase quatro anos — quando a garota começou a apresentar os primeiros sintomas de leucemia linfóide (a menos grave) — ainda não terminou, apesar da aparente cura de Luciana.

O seu organismo está fraco. Seu corpo possui apenas células vermelhas, já que as brancas foram eliminadas durante o tratamento. Com isto, Luciana deverá ficar resguardada de qualquer contato com pessoas que não sejam da família, para evitar contaminação por bactérias ou vírus. Isso seria fatal.

O período de reclusão de Luciana, determinado pelos especialistas norte-americanos, termina apenas em janeiro de 84. E isto também trará um outro agravante para a família Bazeio: até lá Lucinalvo, de três anos, não poderá exercer atividades normais como ingressar numa escola maternal, como pretendiam seus pais. Assim, segundo os especialistas, ele evita de tornar-se portador de qualquer doença que poderia ser transmitida a sua irmã.

Além do contato com pessoas estranhas, Luciana terá que evitar também o sol; ele pode provocar câncer na pele. A garota, com seis anos, que faz questão de arrumar suas coisas sozinha, de recortar gravuras e ler — embora com um pouco de dificuldade — será tratada durante todo o período de reclusão como um “bebê”. E mesmo assim, ela ainda continuará com 65 por cento de possibilidade de uma recaída.

#### “UM MILAGRE”

Os pais de Luciana, Joaquim e Creuza, que venderam quase tudo que possuíam para aplicar no tratamento da única filha, continuam confiantes e “agradecendo a Deus pelo restabelecimento de Luciana”. Para eles, se a garota suportar a nova medula até dezembro de 83 sem apresentar nenhuma recaída forte, ela já estará totalmente curada. “Isso — acentua Joaquim — foi informado pelo dr. Whitterspoon, último médico que cuidou de Luciana, em Seattle”.

Na verdade, os pais de Luciana têm um motivo especial para afirmar com convicção que “minha filha ficará normal e totalmente curada”. Desde que Luciana começou a apresentar os sintomas da doença aos três anos e meio de idade, sua família decidiu lutar pelo transplante.

## No velório, emoção e choro antes do adeus

Um esboço de sorriso no rosto livido. As pequenas mãos cruzadas sobre o vestido branco — “parece um anjo do céu”. Esta foi a última imagem que ficou na lembrança de mais de duas mil pessoas que foram ontem ao velório no Cemitério da Saudade, levar o derradeiro adeus a Luciana. Nenhuma imagem de dor. Nenhum sinal externo da doença que consumiu.

“Parece um anjo do céu, meu Deus” — disse Antonio Prado Fernandes, um ancião, que entrou duas vezes nas longas filas para ver o corpinho da menina, inerte no fundo de um pequeno esquife branco. Um clima de verdadeira comoção tomou conta do amplo salão da Setec, ao lado do Cemitério da Saudade, que ficou totalmente lotado. “Por que Deus leva as criancinhas” — era a dúvida de Maria Conceição Peres, que fora ao Cemitério colocar flores no túmulo do marido.

Grupos de oração se revezavam no estreito quadrilátero onde Luciana foi colocada entre quatro velas, que às vezes se apagavam pela falta de oxigênio produzida pela grande concentração de pessoas. E as coroas de flores enviadas eram em tão grande número, que as pessoas tropeçavam. Elas tiveram que ser removidas e foi preciso uma perua da Setec para transportá-las para o Cemitério de Amparo.

Ajudada por familiares e vizinhos do Bairro Novo Cambuí, que ficaram chocados logo de madrugada, e solidarizam-se com a família, dona Creuza Bazeio de Oliveira passou boa parte do tempo em que Luciana ficou em Campinas, sentada numa cadeira ao ar livre, no velório.

“Não quero... não posso falar nada. O Joaquim está ali, ele fala”. Nos olhos de dona Creuza, mais lágrimas, a insuportável certeza de que a luta estava encerrada. Ao seu irmão Jorge Bazeio, que socorreu a família ao meio-dia do domingo, ela confessou: “Se tivesse que lutar a vida toda, não tinha importância. Se Deus nos desse essa chance, eu lutaria”.

Dona Creuza sentiu fortes tonturas, teve crises de choro mas foi reconfortada pelos familiares. Quando o corpo de Luciana estava para ser transportado para o veículo fúnebre, a doutora Sílvia Brandalize retirou-a da passagem por onde o caixão seria carregado. Nesse momento, funcionários da Setec carregavam as coroas de flores e as empilhavam na perua.

### Já esperavam

No interior do velório, Joaquim Paulino, mais calmo, procurava explicar: “Sabíamos desde o dia 20 de abril que ela não sobreviveria. Por isso procuramos fazer todos os seus gostos, atender a todos os seus pedidos. Infelizmente Deus quis assim. Nós não estamos revoltados com Deus. Estamos reconfortados”.

De repente, um dos familiares é obrigado a interromper as três longas filas que ainda às 14:00 hs se formavam, para o último adeus a Luciana. O pequeno caixão foi fechado e carregado para o carro fúnebre. Cenas de dor; explosões de choro. Rostos vermelhos, olhos lacrimajantes. Dona Creuza, que não sabia da saída do féretro, está entrando no velório. O caixão pára à sua frente e ela se apoia à doutora Sílvia e ao irmão Jorge. Prantos, passos e em minutos tudo está vazio.

## Família já esperava pela morte há 12 dias

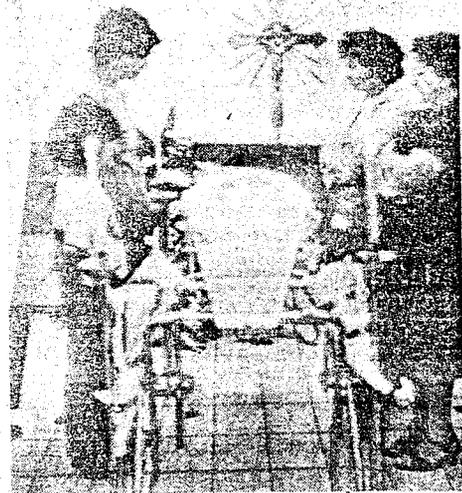
Luciana estava com 6 anos e poucas chances de sobrevivência. Nos últimos cinco dias já não lhe ministravam medicações contra a leucemia, porque já não havia mais nada a fazer por sua saúde. “Ela sentia um pouco de dor, e o máximo que podíamos fazer era dar-lhe analgésicos” — contou Joaquim Paulino. Mas no sábado ela entrava num estado de quase letargia, e já não sentia mais nada. “Poderíamos continuar cuidando da Luciana através de quimioterapia” — disse a doutora Sílvia Brandalize. “Mas sua vida se prolongaria por apenas alguns meses”.

No entanto, a própria menina já não queria mais saber de remédios e de hospitais. A família, então, já tinha um compromisso firmado antes mesmo da viagem para Seattle: Não gerar maiores expectativas de salvação, caso ela sofresse novas recaídas, após o transplante da medula óssea. Na tarde de domingo, Luciana estava mal mas pediu a Joaquim que não a levasse a qualquer hospital: “Quero ficar com vocês”.

A doutora Sílvia Brandalize chegou a sugerir à família que retornasse ao Fred Hutchinson Câncer Center de Seattle. Não porque tivesse esperanças de sobrevivência para Luciana, mas porque acreditava na possibilidade de contribuir para que a medicina apurasse a eficiência desses transplantes, constatando as causas que levaram a menina a recair. “Isso não significa falha médica” — ressaltou ela. Nós sabíamos que o transplante lhe daria chances de sobreviver entre 15 e 20%”.

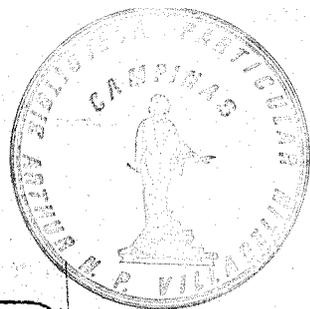
Ainda com a voz embargada, Sílvia Brandalize disse que ao perceber a impossibilidade de salvar a criança, passou a prestar uma assessoria humana à mãe de Luciana, dona Creuza Bazeio de Oliveira. “A família foi de uma coragem extrema. Uma família heróica, que lutou com tudo quanto pôde para salvar a filha” — comentou ela.

Com 22 anos de trabalho dedicado à hematologia, a doutora Sílvia Brandalize não acata a tese de que o médico acaba acostumando-se com a morte, e vendo-a com insensibilidade. “Todos os casos são tristes, principalmente quando se trata de uma criança. E, apesar da minha carreira profissional, não sou invulnerável ao sentimento da perda. Mas tenho forças para canalizar esse sentimento na luta e no estudo das moléstias”.



O corpo foi sepultado em Amparo





## Luta contra a doença durou mais de 4 anos

A intensa e árdua tarefa para salvar Luciana começou em 1978, quando ela apresentou os primeiros sintomas de leucemia. Tinha dores nas articulações, febres altas e perda de peso. A família procurou a doutora Silvia Brandalize e Luciana teve estabilizada a sua saúde durante três anos, através da quimioterapia. Mas ao longo desses anos ela sofreu recaídas que indicaram um único caminho para assegurar-lhe as mínimas chances de sobrevida: o transplante da medula óssea.

No início de 81, Joaquim Paulino de Oliveira, um metalúrgico da cidade de Amparo, radicado em Campinas, soube que em Curitiba, o médico Eurípedes Ferreira acabara de salvar um camponês do interior do Paraná, acometido de anemia aplástica. E a cura deu-se pelo transplante da medula óssea - doada por um irmão -, transplante pioneiro no Brasil.

A família voltou então suas esperanças para a Universidade Estadual do Paraná, onde trabalha o médico. Mas foi lá que o próprio Eurípedes Ferreira indicou o único centro de câncer do mundo capaz de realizar transplantes dessa natureza, com índices mais efetivos de segurança, o Fred Hutchinson Cancer Center.

Mas o hospital indicado está na cidade de Seattle, nos Estados Unidos e a família, que já havia vendido quase tudo para o tratamento da menina, não tinha como realizar a viagem e arcar com as despesas de internação. E foi aí que toda a cidade colaborou. Joaquim Paulino, auxiliado por amigos, iniciou a campanha pela Luciana em agosto do ano passado. Em pouco mais de 3 semanas a família já contava com os Cr\$ 10

milhões exigidos pelo Hospital, para o transplante - que não é outra coisa senão transfusão do sangue da medula óssea de um doador considerado "gêmeo do paciente", em termos de caracteres sanguíneos.

Uma outra luta surgiria então: quem seria o doador ideal? Luciana corria contra o tempo. Vários exames de histocompatibilidade foram feitos em Curitiba. Exames que iriam indicar o doador ideal. O primeiro foi seu irmão Lucinaldo. Mas era muito diferente. Luciana tinha um fator no sangue que era desconhecido no Brasil. Dona Creuza então submeteu-se a um exame e embarcou com Luciana para Seattle, em novembro.

### Avó

No entanto, no Centro do Câncer, constatou-se que dona Creuza não seria a doadora necessária. No desespero, a família enviou exames de sangue de quase todos os familiares. E a possibilidade surgiu: dona Natalina, avó de Luciana, foi considerada pelos médicos do centro como uma espécie de irmã gêmea da neta.

Antes do Natal, Luciana já era submetida ao transplante da medula óssea e no dia 25 de dezembro recebeu como presente a notícia de que a medula estava sendo bem aceita pelo corpo. Um dos riscos mais evidentes era a rejeição. Mas ela não receberia alta logo. Sofreu problemas na remoção do cateter, e só saiu do Centro do Câncer no dia 14 de fevereiro. Foram 68 dias de hospitalização. No dia 5 de abril, cheia de esperança e usando uma máscara para não contrair infecções, Luciana desembarcava em Congonhas, na última viagem de sua vida.

(Extraído do jornal "Correio Popular" de 04-maio-1982)



Luciana morreu. E com ela foram sepultadas as esperanças, a incansável e arrojada luta de seus pais para salvá-la da leucemia. Uma luta amparada pela cidade, surpreendida e entristecida com a inesperada notícia. A menina Luciana Bazeio de Oliveira, que voltou no dia 5 de abril de uma longa viagem aos Estados Unidos - depois do transplante de medula óssea que aumentaria as chances de sobreviver à doença -, partiu ontem de madrugada, porque não quis entristecer o domingo, aniversário de seu irmãozinho. "Não gostaria de decepcionar o Lucinaldo" - disse ela ao pai Joaquim Paulino de Oliveira, pela manhã.

Aos 4 minutos de ontem, depois de sofrer duas sérias convulsões - ambas após as 19:00 hs -, e de entrar em estado de coma, Luciana não sobreviveu à leucemia porque as células malignas infiltraram-se pela medula óssea, atingindo e comprometendo gravemente seu sistema nervoso central.

"Não estamos revoltados com Deus. Ele desejou assim" - comentou, desolado, Joaquim Paulino, enquanto o pequeno caixão branco de Luciana era transportado para o veículo que o levou até a cidade de Amparo, onde ela foi sepultada no final da tarde. Ao sol das 14:00 hs, ele ainda recebeu cumprimentos do prefeito Francisco Amaral, já fora do Velório do Cemitério da Saudade, e respondeu: "Nós estamos fortalecidos".

#### Recaída

Fortalecido e consciente. A família de Luciana estava se preparando para esse triste desfecho desde o dia 20 de abril, quando ela teve uma recaída. No dia 15 abril - dez dias após o seu retorno da cidade de Seattle - a menina foi submetida ao primeiro exame de sangue após o transplante e os resultados foram pouco animadores. Ela apresentou 9% de células malignas. A partir daí, assistida pela doutora Sílvia Regina Brandalize - que a acompanhou nesses longos quatro anos da doença -, a família se desesperançou diante da rápida evolução da leucemia.

Nos últimos cinco dias, a médica constatou que era maciça a infiltração dessas células na medula óssea, com o comprometimento do sistema nervoso central - responsável pelo comando das reações do organismo humano. Era a quinta recaída de Luciana, desde que a leucemia a acometeu aos dois anos de idade. Uma situação considerada grave para pacientes como ela, conforme a doutora Brandalize.

(Falecida a 03-maio-1982)

(Recorte do jornal "Correio Popular" de 04-maio-1982)